



## AO DOMINGO

## Como definiria o estado da nação?



**Clara  
Almeida Santos**  
Vice-reitora  
da Universidade  
de Coimbra

Portugal é uma nação em suspense. A assistir às últimas medidas deste Governo, a aguardar que entre em gestão. À espera de um verão quente de pré-campanha eleitoral. Um país - ou parte dele - a interpretar sondagens e a adivinhar intenções, de voto e de governação. Com as atenções voltadas para narrativas sobre mistérios policiais, à espera da próxima detenção mediática. Uma nação suspensa, como outras, de notícias sobre a Grécia, o futuro do euro, deseja de que a Leste nada haja de novo. Enquanto tudo isso, somos uma nação a banhos, na expectativa de saber se chove ou se faz sol, se a água está boa ou má, de que lado sopra o vento, na esperança de poucos incêndios. À espera de melhor e à espera do pior. ☹☹



**Elisa  
Ferreira**  
Eurodeputada  
do PS

É um país que recuou no tempo em termos das condições para se afirmar no espaço europeu e internacional. Fizemos um ajustamento muito baseado no curto prazo e a convergência aconteceu em termos meramente nominais. Isso foi visível nos valores do défice, por exemplo, e para atingir esses objetivos sacrificámos elementos essenciais para o nosso crescimento futuro. Perdemos também os nossos cidadãos mais capazes de conceber o futuro. Perdemos os nossos jovens, que são a geração mais bem formada. O nosso grande problema era a dívida, que estava a 90% do PIB e que agora está em 130%. O que melhorou, de facto, nessa matéria foi a intervenção do Banco Central Europeu, a partir de 2012, com a declaração de Mario Draghi. Resumindo: recuámos, estamos mal e temos de regressar a uma estratégia de crescimento. ☹☹



**Sebastião Feyo**  
Reitor da  
Universidade  
do Porto

O estado da nação mantém-se há anos, demasiados anos. Na perspetiva do globo, uma nação desenvolvida, com uma história extraordinária. Na perspetiva da Europa em que vivemos, com que cooperamos, mas em que inevitavelmente competimos, principalmente a Europa dos 18, mas também a dos 28, somos um povo frágil, num estado de desenvolvimento e de bem-estar que está muito aquém daquilo que a nossa capacidade individual, em dimensão de conhecimento, nos permite justificadamente sonhar e aspirar. Temos dificuldades de organização coletiva, nomeadamente uma cultura de governação que promove lideranças cinzentas e ineficazes a vários níveis, que não conseguem promover o que deveriam promover, nem impedir o que deveriam impedir, uma cultura que tolhe o nosso desenvolvimento. E de facto, nessa medida, largamente por culpa própria, resvalamos ao longo deste século para uma austeridade que estamos hoje a viver e com a qual não temos sido capazes de lidar de forma justa e eficaz. ☹☹